

A Narrativa na Produção Jornalística: Análise da reportagem “Onde Está você Agora” de Fabiana Moraes¹

Giuliana Batista Rodrigues de QUEIROZ²

Maria Ferreira DINIZ³

Luis Custódio da SILVA⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

A jornalista pernambucana Fabiana Moraes descreve a reportagem “**Onde está você agora**”, objeto de análise deste artigo, como um projeto, no qual lida com fragmentos de um universo de 250 mil desaparecidos no Brasil todos os anos, sendo 40 mil crianças. São cinco histórias distintas e múltiplas, todas sobre o desmonte cotidiano de quem ficou e de quem, violentamente, partiu. O trabalho foi produzido em Pernambuco para o Jornal do Commercio/JC Online, em setembro de 2015, através de uma parceria com o fotógrafo Ricardo Labastier, sendo publicado simultaneamente no jornal impresso e no site <http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/ondeestavoceagora/>. Neste artigo, buscamos analisar a matéria sob os aspectos de uma nova narrativa na produção jornalística, na qual a repórter se aprofunda na arte de contar histórias reais, utilizando-se muitas vezes de características da literatura e poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Desaparecidos; Grande reportagem; Jornalismo de profundidade.

Introdução

Fabiana Moraes é jornalista, doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE) e mestre em Comunicação pela mesma instituição. Atualmente é repórter especial do Jornal do Commercio em Recife e já foi premiada com três prêmios Esso, um Embratel e venceu em 2015 o Prêmio Petrobras de Jornalismo. Tem quatro livros lançados: “Os Sertões”, “Nabuco em Pretos e Brancos”, “No País do Racismo Institucional” e “O Nascimento de Joicy”. Dirigiu o documentário “Dia de Pagamento”.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Assessora de Imprensa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; Especialista em Mídias Regionais pela FURNE/UNIPÊ. giurodrigues@hotmail.com.

³ Mestranda em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Auxiliar de Informações, na Agência Brasileira de Inteligência - ABIN. lillaferreira@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PJI) Universidade Federal da Paraíba – UFPB. custodiolcjp@uol.com.br

Na contramão do imediatismo do jornalismo contemporâneo, a escrita de Fabiana Moraes se estende muito além das pautas, pois ela acredita que o jornal também é lugar de trazer os discursos sensíveis, descondicional o olhar viciado das redações e contar boas histórias, procurando sempre outros percursos metodológicos. O olhar de Fabiana tem a capacidade de filtrar cenários e toma a intuição como método. Ela pratica a etnometodologia⁵, a capacidade de colocar o ser humano no centro das questões. No seu foco narrativo, o tempo tem outro relógio, ele marca as horas da subjetividade e não reproduz estereótipos. O conteúdo, a exemplo do que vemos no trabalho observado neste artigo, é de outra natureza.

Jornalismo e reportagem: a arte de contar boas histórias

A cobertura da imprensa, de um modo geral, tem se tornado cada vez mais superficial e burocrática, obrigando os profissionais interessados em grandes reportagens a procurar caminhos alternativos, a exemplo do trabalho de Fabiana. Alegações de falta de tempo e dinheiro dos jornais e revistas para investir em apuração, assim como falta de espaço para publicar textos extensos e ausência de leitores dispostos a digerir reportagens longas são os motivos, em meio a uma crise de identidade e receita.

A reportagem “Onde está você agora”, objeto desta análise, vai na contramão desta crise, extrapolando o conceito de uma boa narrativa, pois uma das maiores vocações de quem conta sua história é a de dimensionar o universo onde elas acontecem. O jornalismo autoral de Fabiana dialoga num jogo de referências e intertextualidade, e o formato no qual é apresentado, a hibridação desses recursos, convergência de textos, utilização de vídeos, fotos e disponibilização na internet, muito contribuem para o excelente resultado, pois

(...) vão mostrar que essas mídias produzem continuamente intersecções que ganham força na atualidade, neste diálogo gerado entre os formatos narrativos ditos canônicos e os novos jeitos e maneiras de contar. Estão ancorados em suportes também inovadores, ainda que preservem e mantenham o que é perene de fato: a arte de contar histórias como uma necessidade intrínseca da humanidade. (PICCININ, 2012, p.77)

Esta matéria especial traz os relatos de quatro famílias profundamente abaladas pela ausência de um parente, e também a emocionante história de Maria Eulália, que foi sequestrada há mais de 50 anos em Caruaru (PE) e agora está à procura de suas origens. Traz

⁵A **Etnometodologia** é uma corrente sociológica desenvolvida nos Estados Unidos a partir da década de 1960. Trabalha com uma perspectiva de pesquisa compreensiva, em oposição à noção explicativa e considera que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada um e que em todos os momentos podemos compreender as construções sociais que permeiam nossa conversa, nossos gestos, nossa comunicação etc.

também uma riqueza de dados e de apuração no que se refere ao desinteresse e displicência do poder público. A falta de delegacias no estado de Pernambuco (e alguns aspectos sobre a inexistência de um trabalho integrado entre as delegacias de todo o país), a insuficiência de agentes policiais, investigações acumuladas e abandonadas, ausência de órgãos especializados em desaparecimentos, são alguns exemplos citados. Narrativas que fazem emergir a falta de uma rede nacional e a falta de informações integradas e efetivas. Ou seja, o tempo todo, seja qual for o ângulo de observação, trata-se de uma história de ausências e de denúncias.

Reportagem é feita de detalhes, de revelações, de descrições, mas é também feita de gente, e a humanização do relato, além de despertar, facilita a contextualização dos fatos. Algumas narrativas saltam pela diferença e o trabalho realizado por Fabiana em suas reportagens vai muito além de um bom texto ou de uma boa solução editorial. Medina (1986) afirma que “a criação simbólica do fato jornalístico dá a dimensão da autoria”, exatamente o que observamos em “Onde está você agora”, bem como em outras narrativas de Fabiana.

Para Sodré e Ferrari, narrativa é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. A dupla lembra que ela não é privilégio da arte ficcional e que será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Caso contrário, na opinião deles, não será reportagem.

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele ‘que está presente’, servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.15)

Ainda no entendimento de Medina, sem a intuição afetiva, tão presente nos trabalhos de Fabiana, as narrativas se tornam facilmente esquemáticas, descarnada do seu afeto ao outro. Para ela, uma das maneiras de lutar contra o reducionismo das fórmulas é a experiência sensível do contato com o mundo vivo. E a utilização de outras plataformas, uma possibilidade desse mundo multipolar do século XXI em que seus trabalhos estão inseridos, dá a Fabiana outras possibilidades de traduzir seu olhar para os seus leitores. Recursos visuais e auditivos trazem mais afeto para suas histórias.

A jornalista dialoga com a realidade sem pieguices. Sua força evolutiva está muito bem alicerçada na clareza e precisão de estilo dos seus textos. Como lembra Edgar Morin,

citado por Cremilda Medina (1986), ao falar da importância de se construir um perfil humanizado durante uma entrevista, o que ele chama de ‘entrevista diálogo’: “A emoção deve passar por meio da atmosfera narrativa, da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, nos ritmos de cada pessoa”.

Jornalismo de profundidade: mergulhando nas narrativas de Fabiana Moraes

A reportagem que o Jornal do Commercio disponibiliza na internet confere alguns benefícios ao leitor, que normalmente não os teria apenas nas páginas do jornal impresso. Dentre eles, a possibilidade de repartir a leitura em blocos (um introdutório e outros seis contando cada qual uma história distinta), mais possibilidades para uma narrativa aprofundada em detalhes, além da exibição de vídeos e fotos legendadas em slides, telefones de contato (para quem souber alguma informação sobre os personagens da reportagem) e espaço para interação dos leitores. Vejamos as histórias a seguir.

Domícia, a avó da criança desaparecida do primeiro relato, convive com as ausências do marido, Ricardo (43) e da neta Kamily (08), desde 7 de junho de 2011, martelando sempre em sua dor que o telefone celular do marido, ao desaparecer, estava “Fora da área ou temporariamente desligado”. Este, inclusive, é o título dado à primeira história de sua reportagem especial, que sugere que a menina fora supostamente seqüestrada pelo marido da avó, já que ambos desapareceram no mesmo dia sem deixar rastros. Domícia, incrédula, prefere não acreditar no absurdo desta possibilidade e busca a convivência da jornalista:

“Criança quando é bolinada fica triste, não é? Eu nunca vi Kamily triste. Eu não acho que ele faria isso com ela não, né? Você acha? Eu não acho. Porque ela não fica triste.” Domícia olha firme para a repórter: quer que uma confirmação exterior, mesmo de uma pessoa desconhecida, lhe ampare. Mas essa confirmação não vem (seria prematura e pouco verdadeira, poderia confortá-la, mas continuaria sendo pouco verdadeira). Silencia durante um momento enquanto olha para os netos, silencia enquanto os netos olham o sangue na TV. Repete para si: “ele não fazia isso com ela não. Eu acho que não”. (MORAES, 2015)⁶

Há ainda uma descrição detalhada da casa da personagem, do ambiente no momento da entrevista, o que os demais netos comiam durante o almoço, enquanto Fabiana apenas

⁶ Trecho retirado da matéria “Onde Está Você Agora” da repórter Fabiana Moraes, publicada no Jornal do Commercio em setembro de 2015 e disponível em: <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/ondeestavoceagora/#menu>>. Ao longo deste artigo outras referências à autora serão feitas, indicando o sobrenome e o ano da publicação no site, já que nossas consultas foram realizadas através desta plataforma virtual.

observava, e o que assistiam na TV. Também é falado sobre o trabalho de Domicia, o cansaço enfrentado no dia a dia, a “presença da ausência” dos seus desaparecidos.

Demétrio de Azeredo Soster, citando Motta, fundamenta este relato com o uso de “vozes narrativas”:

(...) processos de enunciação têm nos narradores os seus agentes, vistos aqui como – ‘seres capazes de expressar sentimentos e ações.’ (MOTTA, 2013, p.79) – delimita ainda mais o ângulo de nosso olhar, ainda que exija instrumental analítico apropriado. Vamos chamar estas formas de expressão de ‘vozes narrativas’, ou seja, as emissões realizadas pelos narradores. (SOSTER, 2015)

O segundo caso, relatado no texto “Eu não falo mais dele no presente”, trata do desaparecimento de Arlindo, marido de Donzília Minervino (na verdade, o terceiro sumiço do homem, desta vez definitivo). Arlindo desenvolvera demência alcoólica e uso contínuo de remédios antidepressivos, após a aposentadoria, e se despediu da esposa para ir ao campo de futebol. Não retornou. Mais uma vez há a descrição da casa da entrevistada, do jardim, seus traços físicos, a gargantilha que usa. Descreve o homem desaparecido, sua estatura, características, roupa que vestia, time pelo qual torcia e os hábitos, especialmente aqueles que mantinha antes de ficar doente.

Fabiana apresenta a passagem de tempo pelo número de encontros com a entrevistada e pela gradativa mudança em seu humor:

Em nosso primeiro encontro, ela, falando no presente, disse que Arlindo era um companheiro maravilhoso e que se casaria novamente com ele. Que era feliz e não sabia.;

Em nosso segundo encontro, ela, falando no passado, parecia ter ressurgido. Contou que a vida não era perfeita. (MORAES, 2015)

Quase no fim do relato, há a descrição do conforto e alento que a esposa do desaparecido passa a sentir depois de dá-lo como morto: “Nos dois encontros, ela conversou sentada no terraço da casa da filha Silvana, onde foi morar com Arlindo depois que as coisas começaram a esvaziar. Na primeira vez, a tristeza era pátina pura em seu rosto. Na segunda, essa capa desmanchava” (MORAES, 2015). Donzília encerra o mistério do sumiço de Arlindo e oferece sua suposta tranquilidade com a frase: “Mas agora eu vou procurar ficar bem. Se eu pensar mais, enlouqueço. Eu já chorei muito. Pra mim ele morreu.” (MORAES, 2015)

A descrição desta percepção da repórter dá-se no processo de “protagonismo testemunhal” ou “atorização”, termos difundidos por Antonio Fausto Neto (2007) e também referidos por Fabiana Piccinin, quando cita que o texto

(...) busca na experiência e no protagonismo do repórter, bem como no desvelamento dos fazeres e dizeres jornalísticos em um novo espaço para transmitir a informação em outra forma de mostrar o real, orientada para a oferta de um sentido de realidade imediata, espontânea, autêntica. (PICCININ, 2014, p.329)

Mais adiante, na mesma reportagem, dois casos semelhantes são relatados por Fabiana Moraes: “Só estou em pé porque espero” e “Preferia que ela estivesse morta”. Ambos tratam do sumiço de duas meninas adolescentes, Letícia e Alice, em tempos diferentes, mas em condições semelhantes e com várias coincidências, como o fato de morarem próximas e terem desaparecido no mês de outubro, em anos distintos.

A adolescente Letícia, 14 anos, desapareceu enquanto ia para a escola, em Jaboatão dos Guararapes (PE), outubro de 2012. Neste caso, a jornalista descreve a cena da casa e características da jovem desaparecida, intercalando com suas próprias sensações:

Eu a conheci um dia antes de colocar seu nome no Google, depois de me apresentar à sua mãe, que estava sentada no batente em frente da casa longa, enfeitada com porcelanato e sem qualquer carinho de planta. Sueli me convidou a entrar, eu havia comido uma pipoca e tinha sede. Pedi um copo d'água e fiquei olhando as fotos na parede da sala. A maior delas traz Letícia. A adolescente está usando um vestido estampado. Abraça um grande buquê de rosas e sorri, mostrando o aparelho dentário. A foto é uma peça de felicidade que não se encaixa no que está ao redor. (MORAES, 2015)

A jornalista deixa a objetividade de lado e constrói “uma narrativa humanizada a partir do ponto de vista de alguém que experiencia e não só relata.” (SODRÉ apud PICCININ, 2014, p.323). Além disso, “esta é uma tentativa de conferir uma ‘perspectiva mais humanizadora do relato’, podendo oferecer uma ambientação mais qualitativa ao receptor deste texto”. (PICCININ, 2014, p.323)

Nestes dois relatos, Fabiana Moraes aborda o preconceito e falta de humanidade pelos quais passam as mães das adolescentes desaparecidas, que não encontram apoio nem dos órgãos competentes, nem das comunidades que as cercam, fazendo correlações investigativas para ela óbvias, mas que não foram abordadas pelos policiais em suas investigações, o que gera a partir disto uma intenção de desabafo e de denúncia. Vejamos nos trechos:

Letícia morava a pouco mais de um quilômetro de Alice, a filha de Cristina e Moisés também desaparecida em um mês de outubro (sua história está neste especial). Faziam trajetos muito parecidos e sumiram em circunstâncias semelhantes. A polícia nunca fez qualquer correlação entre os dois desaparecimentos. A polícia nunca se reuniu com as duas famílias ou com os

amigos. A polícia nunca procurou saber se as meninas haviam tido qualquer contato anterior, qualquer ponto de convergência.

O desaparecimento de Letícia é cercado de absurdo e desamor por todos os lados. O desaparecimento de Letícia é uma ilha à deriva que às vezes congela o coração da gente.

Tentar entender o que aconteceu é extremamente cruel. Sem a própria garota para contar a história, nada tem explicação, sentido. Nem para o sumiço, nem para o profundo preconceito que Sueli, assim como várias mães e famílias de outras meninas desaparecidas, enfrentam no dia a dia. É comum o veneno cotidiano destilado a conta-gotas: “Tu deve tá escondendo a tua filha”. “Dizem que ela fugiu porque tava grávida.” “Ela foi embora com o namorado.” “Deixa de chorar, Sueli. Tua menina tá é na vida.”

Na sexta-feira, foram até a delegacia. Como também aconteceria com Cristina, mãe de Alice, Sueli ouviu que Letícia poderia ter fugido com um namorado, que adolescente faz muito isso, que é coisa da idade. (MORAES, 2015)

Em todas as histórias, a jornalista procura definir como o entrevistado se posiciona diante do desaparecimento: se ele ainda espera o retorno do ente querido, se há esperanças no reencontro, se desistiu da procura, ou se deu o parente como morto. A aceitação de Sueli, a mãe de Letícia, se reflete na frase “Preferia que ela estivesse morta”. Tal assertiva induz à reflexão de que é melhor saber do triste fim da filha, a não ter notícia alguma.

O caso de Alice, de 11 anos, narrado no quarto texto da reportagem, guarda semelhanças com o anterior. Nele, Fabiana Moraes procura denunciar o péssimo tratamento conferido aos familiares dos desaparecidos. Ela ressalta que o que acontece normalmente é que os interessados em reaver seus parentes, não encontrando apoio nos poderes competentes, fazem buscas, passeatas, visitam os hospitais, necrotérios, órgãos responsáveis... na maioria das vezes sem sucesso.

Em uma das cenas descritas, Cristina, mãe de Alice, descontrola-se na delegacia ao ser confrontada pelo delegado, que sugere que ela havia fugido com alguém e em seguida, diante da sua indignação e revolta, é praticamente expulsa da sala: “A sua filha deve estar com o namorado”. Ela já havia procurado o corpo da filha no matagal das redondezas e “estava há dias tentando que levassem a sério o sumiço da filha, há dias pedindo ajuda para localizá-la, há dias sem dormir”.

Ao se descontrolar, a Cristina que tentava pedir ajuda, a Cristina insone, a Cristina que tem uma vida na qual cabe a forte possibilidade de encontrar o corpo da filha na mata, foi levada para fora do recinto. Alegaram que poderia ser presa por desacato (MORAES, 2015).

Com estes relatos, a jornalista busca “(...) ofertar a realidade que justamente apresente as interpretações subjetivas, espontâneas – portanto mais imediatas ao acontecimento – e o engajamento a essa experiência como fundamentais, para comprovar sua autenticidade.” (PICCININ, 2014, p.324). Fabiana faz um relato do sentimento da mãe diante da ausência da filha:

Hoje, o lugar [o quarto de Alice] é também uma espécie de altar e ainda uma síntese da dualidade que vai no peito da doméstica. Ao mesmo tempo em que ela o mantém – cama, televisão e caixa com fotos de vários aniversários de Alice estão lá – doou a maior parte das roupas da filha. A memória impregnada em cada peça trazia mais sofrimento, conta. “Preferia que ela estivesse morta. Ia doer, mas não tanto assim, sem a gente saber onde e como ela tá. Pelo menos morto tá ali, a gente sabe, a gente enterra, né? E Deus dá o conforto. (MORAES, 2015)

A reportagem destaca que essas histórias são apenas uma pequena, porém significativa, mostra da inexistência de uma política séria e articulada, no nível institucional, em relação aos desaparecidos de civis no Estado – e no Brasil. Um relato que apresenta as falhas do sistema de buscas, dados sobre os números de desaparecidos, procedimentos comumente utilizados, iniciativas tomadas pelas famílias das vítimas, ações desatualizadas e ineficientes dos policiais, ausência de explicações dos delegados envolvidos nos casos, entre outras.

Em determinado momento da reportagem, mais precisamente no texto “Desaparecidos ou invisíveis”, ela confronta os relatos dos familiares das vítimas com o dos representantes dos poderes públicos responsáveis, opina e interpreta os fatos, concluindo que muitas vezes a incompetência nos processos de investigação não é apenas dos servidores, mas da estrutura *da segurança de todo o Estado*.

A última narrativa, intitulada “Maria Eulália está aqui”, inverte a lógica da ausência, desta vez na voz da própria Maria Eulália, sequestrada quando tinha nove anos, há cinquenta anos, nas ruas de Caruaru, enquanto catava comida na rua com os irmãos, de seis e onze anos. A mãe, lavadeira, estava no trabalho e nunca soube o paradeiro da menina (e possivelmente nem dos dois outros filhos), que fora enviada para o Sul do País para trabalhar como babá na casa de desconhecidos.

Separada da família, Eulália sofreu preconceito racial, violência sexual e durante toda a vida perdeu oportunidades de empregos e até casamentos por causa de sua cor e de origem incerta. Entregue a um orfanato, lá ela tentou ser freira, mas também não permitiram. Maria Eulália não se conformou com o destino traçado para ela: quando adulta cursou graduação em Letras, passou em um concurso para a prefeitura de Passo Fundo – RS e, depois, em um para

ser professora estadual. Teve quatro filhos, todos bem encaminhados e presentes em sua vida. Estimulada por eles, Maria Eulália escreveu uma carta para o *Jornal do Comercio*, na tentativa de reencontrar sua família.

Fabiana traduz o sentimento de estar ausente de Eulália:

Ela quer a oportunidade de reencontrar algum irmão, irmã, primo, prima, tio, tia. Qualquer parente. Ela quer contar o que aconteceu. Que não morreu. Que foi roubada e levada, como tantas meninas e meninos, para servirem como empregados na casa de pessoas cujo coração foi item excluído. Maria Eulália é alguém que está aqui. (MORAES, 2015)

O relato de Maria Eulália é, para a repórter, um alento, que mostra que ainda há esperanças de sobrevivência e possibilidades de reencontro, mesmo quando há tantos casos em que a morte é o conforto desejado.

A narrativa poética no trabalho da jornalista

Fabiana Moraes já deixou claro que não gosta que atribuam aos seus trabalhos a alcunha de ‘jornalismo literário’ (a informação foi assimilada durante o “Seminário Narratividade e Subjetividade na Produção Jornalística de Fabiana Moraes”, realizado na UFPB em novembro e 2015). Ela diz que prefere chamá-lo de “jornalismo de interfaces”, ou “jornalismo de subjetividade”, explicando também que costuma buscar inspiração não só na literatura, mas em diversas outras artes, a exemplo do teatro e cinema, algo que se nota fácil em sua fala, durante entrevistas ou seminários.

Ela é, sem dúvida, uma pessoa de interfaces, dona de uma inquietude, ideias e acervo cultural capazes de garantir uma narrativa interessante e atrativa, também um diálogo das realidades física e simbólica. A pesquisa levada a termo por José Domingos de Brito (2008), em “Literatura e Jornalismo”, diz que o jornalista opera nos limites do escritor, na medida em que ambos lidam com a força comunicativa da palavra escrita. São duas expressões unidas pelo mesmo gênero.

Mas não seria exagero afirmar que Fabiana costuma ser traída pelos seus escritos. Sobre Maria Eulália, a menina crescida que busca sua família depois de 50 anos, ela diz: “Como a mãe, Eulália tinha três filhos. Como Dora, sua mãe, ela viu-se sozinha com eles depois que o segundo casamento terminou. *Esse foi seu motor, não pedra*” (MORAES, 2015). Lembrando também o momento em que foi abandonada por não se adaptar à nova vida. “Chamava pela mãe, manhã. Chamava pela mãe, tarde. Chamava pela mãe, noite” (MORAES, 2015), ou quando passava fome na infância, “era metade dos anos 60 e a fome era

matriarca e patriarca do novo lar” (MORAES, 2015). Trata-se, sem dúvida, de Jornalismo, mas passaria facilmente por Literatura.

Edvaldo Pereira Lima, jornalista, professor universitário e um dos principais estudiosos desse tipo peculiar de jornalismo no Brasil, o jornalismo literário, diz que ele capta o entusiasmo de profissionais que prezam pelo bom texto, como é o caso de Fabiana, assim como atrai o interesse de leitores que buscam nas matérias jornalísticas mais do que a informação ligeira do dia a dia dos acontecimentos, como é o caso de boa parte dos leitores de Fabiana. Em seu livro lançado recentemente, “Jornalismo Literário para Iniciantes” (2014), ele fala sobre “histórias com sabor e cor”, exatamente o que encontramos nos textos da jornalista em questão.

Narrativas têm o poder de transportar o leitor para o seu mundo, e Edvaldo Pereira lembra que a cena tem uma natureza visual, que em lugar de *contar* indiretamente o que aconteceu, *mostra*.

Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor *dentro* do acontecimento. Busca fazer com que o leitor *viva* um pouco, pelo menos, o que o repórter presenciou. Reproduz o clima de como as coisas aconteceram, tem um dinamismo próprio. O que acontece tem movimento, as pessoas são retratadas com vivacidade. (LIMA, 2014, p.15).

Sobre a habilidade de relacionar história de vida com os relatos jornalísticos, Rosângela Marçolla considera que as boas reportagens costumam reunir relatos das vidas das pessoas (especialmente aquelas de pouco recurso financeiro, que não são referência em algum assunto, nem freqüentam as colunas sociais) e a destreza de contar histórias a partir da atividade jornalística.

A proposta é que o jornalista utilize as estruturas narrativas literárias para desenvolver suas reportagens, em forma de histórias, valorizando a efabulação e os personagens. Isso tudo dentro de um contexto local ou regional.

O jornalista deve assumir o seu papel de contador de histórias, mediador das histórias que habitam as ruas à espera de receptores. E, na busca de personagens, encontrar os heróis anônimos, que possam narrar suas aventuras e desventuras. Há muitas histórias a serem contadas e muitas pessoas dispostas a conhecer enredos que contribuam para suas próprias vivências. (MARÇOLLA, 2008, p.99)

Mesmo guardando características dos contos de tradição oral, permanecemos com a ideia de que o trabalho realizado por Moraes não se trata de jornalismo literário, até porque não reúne todas as ações típicas desta espécie de relato, que teve suas origens nas grandes reportagens do chamado *new journalism*. Segundo Moura, a expressão *new journalism*

“passou a ser utilizada para classificar a tendência de se introduzir técnicas ficcionais na descrição de fatos reais.” (MOURA, 2007, p.217).

Como o trabalho de Fabiana Moraes não se trata de ficção, ela retrata a realidade a partir da apropriação de outras regras básicas, como a cena a cena, o diálogo, os símbolos dos status de vida e o ponto de vista. Neila Bianchin, citando Antonio Olinto e Alceu Amoroso Lima, não concorda com o fato de se tratar o jornalismo como uma forma de literatura ou um gênero literário e é enfática ao dizer que “apesar dos encontros, das semelhanças e das coincidências, o jornalismo, ainda que envolva elemento da literatura, não é literatura.” (1997, p.60).

Pode o jornalismo fazer bons textos, com um bom trabalho de linguagem, sem desviar-se de seus compromissos com a singularidade e com o real imediato? Pode e deve. Pode usar técnicas literárias para fazer emergir a dramaticidade imanente do cotidiano? Pode e deve, mas nada disso fará com que a narrativa jornalística passe a ser também literária. Isso porque entre o jornalismo e literatura há um confronto essencial: o jornalismo não tem liberdade de ficcionalizar a realidade. (BIANCHIN, 1997, p.60)

Fabiana Moraes, mesmo com liberdade de narração, mantém-se fiel à verdade dos fatos, relevante característica do jornalismo. Sem apelar para a ficção, seu perfil segue a linha das grandes reportagens, cujos elementos fundamentais são descritos por José Marques de Melo como “os mesmos da reportagem. Trata-se somente de ampliá-los, ou seja, fazer tudo ‘grande’. Contudo, informado do *que, quando e onde*, o leitor mediano espera ter detalhes de *como e por quê*.” (MELO, 2005, p. 89)

Assim, ela projeta na escrita sua capacidade de percepção dos fatos, de busca por personagens reais com histórias de vida surpreendentes, cria suas próprias pautas diante de interrogações sobre a realidade e injustiças, identifica no cenário local o que é relevante e o que precisa ser de conhecimento público, dividindo com os leitores toda a dor, angústia e ansiedade dos personagens, oferecendo ao leitor uma narrativa única, ao mesmo tempo crítica, direta, romanceada e compreensível.

Considerações finais

A vida pulsa no jornalismo de subjetividade, a vida pulsa nas matérias da jornalista Fabiana Moraes, a exemplo do texto que deu origem a esta análise, “Onde está você agora?”. Jornalista, escritora e uma boa contadora de histórias, detentora de uma narrativa elegante, com estética articulada. Jornalismo de primeira categoria, com qualidade literária. Mesmo

quando conta histórias tristes, sua narrativa centrada no lado humano das coisas e das pessoas, aliada à maestria de lidar com as ferramentas que o jornalismo lhe oferece, deixa um gostinho de satisfação no leitor.

Quando os desavisados teimarem em chamar seus textos de jornalismo literário, podemos tentar consolar Fabiana, com o que nos lembra a também jornalista e crítica literária Cláudia Nina, quando cita Machado de Assis, Clarice Lispector, João Ubaldo Ribeiro, Luís Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Moacyr Scliar, entre muitos outros, como seus companheiros de escrita.

REFERÊNCIAS

BIANCHIN, Neila. **Romance Reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

BRITO, José Domingos (Org.). **Literatura e Jornalismo: mistérios da criação literária**. São Paulo: Novera, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. **Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos**. *Diálogos possíveis* (FSBA), v. 6, p. 27-39, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. São Paulo, EDUSP, 2014.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.

MARÇOLLA, Rosângela; OLIVEIRA, Roberto Reis de (Org.). **A arte de escrever histórias com personagens reais dentro do contexto midiático local**. Estudos de Mídia Regional, Local e Comunitária. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MELO, José Marques de. **Midiologia para iniciantes: uma viagem coloquial ao planeta mídia**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2005.

MORAES, Fabiana. **Onde está você agora**. *Jornal do Commercio*, 2015. Disponível em: <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/ondeestavoceagora/#menu>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. **Narrativas Comunicacionais Complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012.

PICCININ, Fabiana; ETGES, Ananda. O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias: análise da atorização em “profissão repórter”. **Narrativas comunicacionais complexificadas 2: a forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOSTER, Demetrio de Azeredo. **A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiaticizado**. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 23, julho, 2015.

Sites:

www.serifafina.com.br

www.jconline.ne10.uol.com.br

www.cultura.pe.gov.br